

## SOBRE CRISES

Luiz Carlos Corrêa Carvalho  
[caio@canaplan.com.br](mailto:caio@canaplan.com.br)

*“O fato é que o mundo econômico é um lugar surpreendentemente perigoso”*

Paul Krugman

A definição de crise como uma condição de instabilidade ou de perigo, nas questões sociais, econômicas, políticas, ou internacionais, levando a uma mudança decisiva na vida das pessoas, ou do país, é o tema deste texto.

No campo econômico há, hoje, uma relação muito estreita de crise com o Estado perdendo as rédeas das finanças. Ao nível de país ou global, essa é a cara da última crise que vive o mundo desde 2008. O balanço das consequências dela para cada país se vê na recuperação norte-americana atualmente contra uma pesada recessão europeia e o verdadeiro caos brasileiro e russo. A China vem andando em velocidade menor mas para a frente e a Índia segue firme.

No campo geopolítico, a crise Rússia-Ucrânia, com consequentes embargos dos EUA e da Europa à Rússia, é outro exemplo de grande impacto. O mesmo se diz sobre Irã, Síria, e, mais recentemente a crise do terrorismo do Estado Islâmico.

No Brasil temos, além da crise de governança, extremamente séria, os impactos da severa seca de 2014. Como de ciclos e ciclos, 2014 foi a vez de baixo índice de pluviometria. Convivendo no Governo anterior com uma “nova matriz econômica” que se revelou extremamente deletéria, a seca transformou as dificuldades econômicas em risco elevado para falta de energia e de água. Contingenciamento de uso? Multa para quem usar água? O que mais?

Isso seria crise de energia? Crise de água? Com 30 partidos políticos e 39 Ministérios o Brasil tem crise de seriedade.

Com certeza boa parte das crises são consequência de inatividade governamental, após lições próximas passadas como as de 2001. E esta crise de inação leva à antiga posição de Eugênio Gudim: *“Uma nação em crise não precisa de plano. Precisa de homens”*. E sobre isso novamente se fala de uma enorme crise que se abateu sobre o Brasil: a crise de líderes, faltando homens éticos com visão prospectiva e amor pelo país.

A falta de água, nos reservatórios vazios com rachaduras nas terras, antes encobertas, sob a expectativa de empresas estaduais responsáveis pela oferta ao consumidor, revelam falta de investimentos, de prioridades, de menor interesse com os impactos disso para a sociedade.

O balanço ou as projeções dos problemas da energia e da água podem trazer uma recessão ou queda do PIB de até -2% em 2015! E o que será 2016? Há alguma esperança de chuvas no inverno?

A imagem do nível dos reservatórios e das projeções do que poderia ocorrer era do conhecimento dos analistas todos. Também dos governos federal e estaduais. As ONGs também sabiam, mas haveria eleições! E as ideologias se esquecem dos problemas quando se trata de defender os seus velhos conceitos....

Já se passaram 2 verões (desde fev/13) dos primeiros alertas sobre a crise hídrica que o Brasil viveria em sua região sudeste, que ainda cria péssimas perspectivas apesar do alívio momentâneo e enganoso das chuvas de março/15. O fato é que a ANA – Agencia Nacional de Água anunciou essa possibilidade em 2011. A seca de 2014 deverá despertar a necessidade de sair da comodidade da fartura à possibilidade da seca no Sudeste brasileiro. Não se pode negligenciar o tema, agudo nas regiões nordestinas já acostumada a ele. É fundamental, pois, preparar-se para potenciais novas secas.

Mas a crise da água e, por tabela, a crise de energia (dependência brasileira das hidroelétricas) são vetores no mesmo sentido e interdependentes, assim como o é a agricultura canavieira: Todo mês é importante e água é 75% do produto final. A crise da água empurra a crise da cana que depende da crise de governança. Afinal, a energia da cana compete com a da gasolina que é governada pelo governo. Fica uma sensação de amargor na boca, mesmo em se falando de açúcares..... Mais que isso, um amargor em boca seca!

Assim a crise da água gerou a crise de energia, seja elétrica ou etanol.... gerada pelo não investimento ou inovação, passou-se a depender de mais derivados do petróleo queimando em térmicas ou gasolina em carros..... sem infraestrutura em Portos para receber volumes muito elevados de combustíveis fósseis importados, tem-se um potencial caos para combustíveis gerando outra crise....

Um rápido olhar sobre os últimos anos e a eleição apertadíssima do novo governo a partir de janeiro/15 mostra alguns pontos muito importantes para o futuro do país, pelo menos no curto e médio prazos:

- Queda de tudo, exceto inflação, ascendente!
- Desmoralização do novo governo no 3º mês!
- Como esperar até 2018? Perdendo? Sem água e sem energia? Sem esperanças?

O controle fiscal, fundamental para trazer luz ao fundo do túnel que atravessa o país, deverá dominar o ambiente econômico durante 2015 e 2016, no mínimo. Esperar esse tempo com chuvas que recuperam reservatórios, é um cenário otimista assim como otimista é esperar calma em manifestações públicas de irritação ao retrocesso, sentido nas várias classes sociais.

O setor sucroenergético recebeu uma injeção de saúde nos limites de dose que atendem aos menos endividados. Há, portanto, um número bastante importante de unidades produtoras que ficarão à margem do processo de recuperação. Mesmo melhores preços do açúcar dependerão da proatividade do Brasil, questionando os suportes de preços que os governos da Índia e da Tailândia dão aos seus produtores, o mais rápido possível. Essa proatividade, por sua vez, dependerá da compreensão e ação do governo brasileiro junto aos países citados, primeiro, e em seguida, junto à OMC. É a crise da esperança!

Há que se lembrar, também, do efeito geopolítico dos preços da energia e das commodities agrícolas. Eventuais preços em queda em 2015 gerarão quais impactos? Quais serão os preços médios da energia para 2015 e 2016? Ou qual o tamanho da redução do consumo de combustível?

Enfim, o brasileiro está envolvido, talvez, em uma soma de tantas crises que somente nas ruas irão expressar o sentimento de perda. Há uma contaminação do cenário político sobre o econômico e vice-versa, gerando um grau de instabilidade monumental. Há um temor privado sobre investimentos que gera paralização. Empregos desabam como notícias ruins.

Aos otimistas há que se olhar a visão dos chineses, das oportunidades escondidas nas crises.....